

Revista PsiPro
PsiPro Journal
2(6): 109-129, 2023
ISSN: 2763-8200

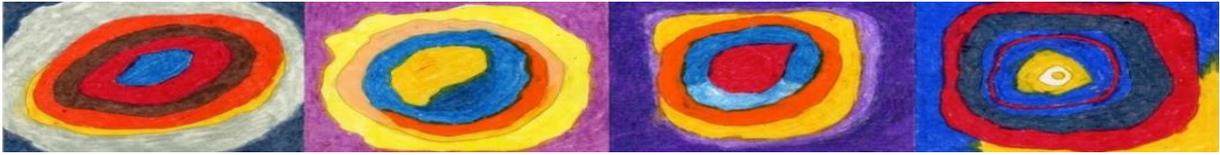
INSPIRAÇÃO: COMO A NATUREZA E O CAMPO ME FIZERAM ARTISTA?

Recebimento do original: 05/11/2023
Aceitação para publicação: 16/12/2023

Mauricio de Oliveira Silva

Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (UNIVASF), mestre em Ciências Ambientais (UESB), licenciado em Artes Visuais (Centro Universitário ETEP), especialista em Fotografia (Faculdade Iguazu), especialista em Ecoturismo (Faculdade Serra Geral), licenciado em Biologia (UESB), licenciando em Teatro (UFBA).
m.osilva@hotmail.com

RESUMO: A vivência em meio à natureza e a conexão com o campo moldam profundamente nossa identidade e percepção do mundo. A influência dos estímulos ambientais, sociais e culturais é inegável, e a infância, em particular, é um período crucial para essa formação. O contato livre e espontâneo com a natureza na infância é essencial para o desenvolvimento psicológico, proporcionando aprendizados fundamentais, como a resiliência diante das quedas e a compreensão da dor como parte do crescimento. Neste contexto, a pesquisa descolonial autobiográfica explora como a relação com a natureza e o campo impactou a vida do autor, moldando sua percepção e habilidades artísticas. A metodologia qualitativa, combinando narrativa autobiográfica, pesquisa documental e bibliográfica, revelou a profunda influência do ambiente natural na trajetória do autor como biólogo, professor, escritor e artista. A infância rural do autor, permeada por interações com animais, plantas e elementos naturais, inspirou a criação de personagens e histórias que refletem não apenas sua criatividade, mas também sua compreensão do mundo. A arte tornou-se uma ferramenta poderosa para explorar temas sociais e ambientais complexos, como o respeito à diversidade e a crítica à desinformação. A pesquisa destacou a importância de reconhecer a interconexão entre humanos e natureza, não apenas como uma fonte de inspiração artística, mas como uma parte intrínseca de nossa identidade. A natureza não é



apenas um ambiente físico, mas também uma fonte inesgotável de aprendizado, crescimento e transformação. Ao valorizar e preservar essa relação, podemos promover não apenas o desenvolvimento individual, mas também uma compreensão mais profunda de nossa existência dentro do vasto ecossistema que compartilhamos com todas as formas de vida.

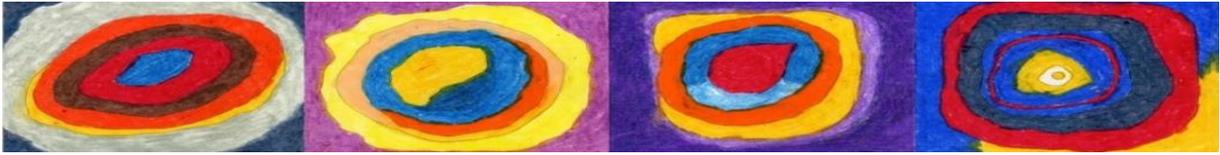
PALAVRAS-CHAVE: Artes. Autobiografia. Formação artística. Identidade.

ABSTRACT: Living in nature and connecting with the countryside profoundly shapes our identity and perception of the world. The influence of environmental, social and cultural stimuli is undeniable, and childhood, in particular, is a crucial period for this formation. Free and spontaneous contact with nature in childhood is essential for psychological development, providing fundamental learning, such as resilience in the face of falls and understanding pain as part of growth. In this context, autobiographical decolonial research explores how the relationship with nature and the countryside impacted the author's life, shaping his perception and artistic skills. The qualitative methodology, combining autobiographical narrative, documentary and bibliographical research, revealed the profound influence of the natural environment on the author's trajectory as a biologist, teacher, writer and artist. The author's rural childhood, permeated by interactions with animals, plants and natural elements, inspired the creation of characters and stories that reflect not only his creativity, but also his understanding of the world. Art has become a powerful tool for exploring complex social and environmental issues, such as respect for diversity and criticism of misinformation. The research highlighted the importance of recognizing the interconnection between humans and nature, not just as a source of artistic inspiration, but as an intrinsic part of our identity. Nature is not just a physical environment, but also an inexhaustible source of learning, growth and transformation. By valuing and preserving this relationship, we can promote not only individual development, but also a deeper understanding of our existence within the vast ecosystem that we share with all forms of life.

KEYWORDS: Art. Autobiography. Artistic training. Identity.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.



1 INTRODUÇÃO

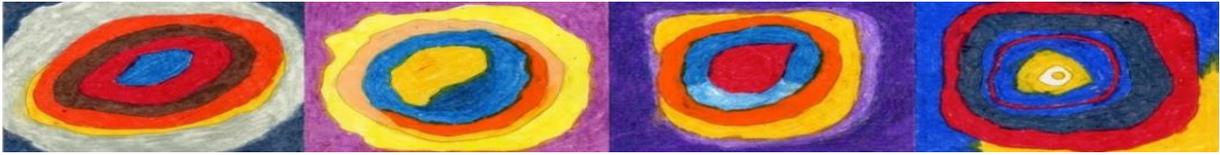
*O sonho dele era cuidar da natureza.
O sonho dele era ser livre como os pássaros e voar ao raiar do sol.
O sonho dele era abraçar o mundo e espalhar felicidade.
O sonho dele era aparar o que há de bom com uma peneira.
Não precisava ser tudo, apenas o suficiente.
Este era seu sonho e assim ele partiu.
Um sonho deixa de ser sonho assim que ele é iniciado.
(O sonho dele, Silva, 2021a).*

Dizem que nascemos com dons, com pré-disposições e aspirações para o futuro, sendo isso científico, filosófico ou apenas uma explicação mística, como humanos, temos uma vida feita de estímulos ambientais, sociais, sociológicos, simbólicos, religiosos, artísticos, políticos, morais. A partir disso, podemos inferir que o ambiente onde vivemos terá grande influência em nossas vidas e nas nossas características psicológicas. Desta forma, a criança que tem contato com a natureza de forma livre e espontânea aprenderá mais sobre como é o mundo e como ele funciona, assim

a criança precisa ser criada livremente. Precisa correr e cair cem vezes por dia, assim aprenderá mais cedo a se levantar. Ela pode e deve sentir dor. Sofrer é a primeira coisa que deverá aprender, para que quando seja adulto não acredite morrer a primeira picada e desmaie ao ver a primeira gota de sangue. [...] É na infância, onde as dores são menos sensíveis, que devemos multiplicá-las, para poupá-las na idade da razão. (ROUSSEAU, 1999, p. 236)

Assim, o sujeito apreende a realidade, a transforma e a traduz em sua subjetividade, denominado pelo autor como “reapropriação singular do universal social e histórico” (FERRAROTTI, 1988 *apud* BUENO, 2002, p. 19).

O presente artigo busca explicar por meio de uma pesquisa autobiográfica e narrativa como a relação com a natureza e o campo



tiveram influência em minha percepção e na forma como eu faço arte. Justifica-se na necessidade de fazer pesquisas decoloniais¹, a partir do *self*, da narrativa própria de quem faz arte e quem produz saberes.

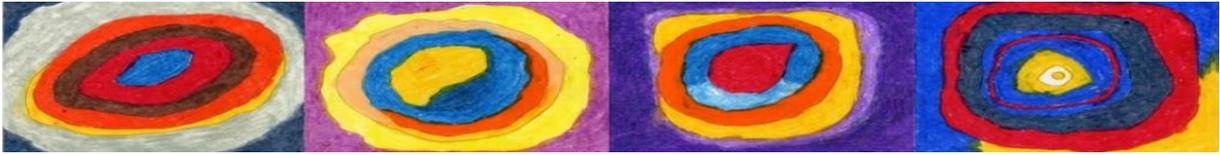
Por meio desse tema, procura-se saber como o meio onde vivemos nos afeta na forma de fazer e perceber a arte? como a interação ambiental pode nos promover desenvolvimento individual e também holístico?

Em busca de respostas e discussão sobre esses temas, foi feita uma pesquisa qualitativa, autobiográfica, documental e bibliográfica a partir de dados e fatos passados. Por meio da análise dos resultados foram divididos em dois capítulos, o primeiro "Prazer, Mauricio!" é uma descrição pessoal do autor da pesquisa, em primeira pessoa, ao qual a pesquisa autobiográfica permite. Em seu segundo capítulo, "Como a natureza me fez artista?", o autor apresenta fatos históricos sobre sua vida e traz reflexões e leituras acerca de suas produções artísticas e acadêmicas e como elas tiveram influxo em sua formação de artista.

2 METODOLOGIA

Para execução desse trabalho foi utilizado a metodologia qualitativa em forma de narrativa autobiográfica, pesquisa documental e bibliográfica a partir de dados *post-ex-facto*. Fonte (2006) discorre acerca do estudo da narrativa que se reestrutura dentro da perspectiva de interação sujeito e ambiente, sendo esta interação autorreferenciada e interpretada a partir

¹ Suess e Silva (2019), explicam que o pensamento decolonial é um pensamento que se desprende de uma lógica de um único mundo possível (lógica da modernidade capitalista) e se abre para uma pluralidade de vozes e caminhos. Trata-se de uma busca pelo direito à diferença e a uma abertura para um pensamento-outro. In: SUESS, R. C.; SILVA, A. S. A perspectiva decolonial e a (re)leitura dos conceitos geográficos no ensino de geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, 23, e7. <https://doi.org/10.5902/2236499435469>

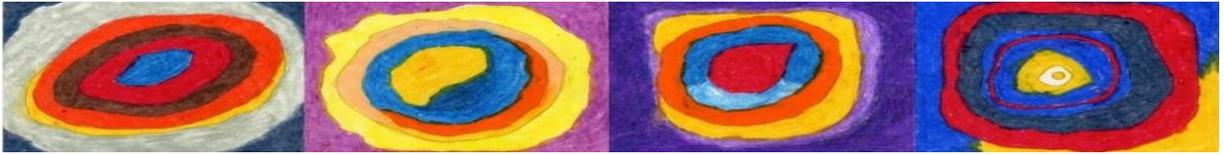


dos quadros operatórios do próprio sujeito. Nessa direção, “as narrativas (auto)biográficas possibilitam compreender o sujeito e o seu lugar no mundo, superando a separação entre o conhecimento científico e o saber popular através do projeto político e epistêmico de descolonização” (SILVA; SANTOS, 2022, p. 117).

A investigação narrativa usa diferentes níveis de análise para compreender os contextos sociais e emocionais que mudam o tempo todo e também o significado de negociação do mundo (contextos locais, grandes contextos culturais, históricos e sociais) e nosso posicionamento (SHUMAN, 2012; PHOENIX, 2013). Desta forma, Marques e Satriano (2017) explicam que o ser humano é ativo e não um receptáculo de informações ou um mero processador de informações. Seu pensamento é fluido, metafórico e imaginativo, e simultaneamente busca sentido da realidade em eterno movimento, caótica, complexa.

A pesquisa documental segundo Pádua (1997, p. 62) “é aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, considerados cientificamente autênticos (não fraudados); tem sido largamente utilizada nas ciências sociais, na investigação histórica, a fim de descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências [...]”. Por essa metodologia foram revisitadas minhas memórias e materiais produzidos durante minha infância até os dias atuais para fazer reflexões como a arte esteve presente em minha vida desde muito cedo.

Por meio da pesquisa bibliográfica, foi realizada [...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites (FONSECA, 2002). Nessa perspectiva, foram utilizadas produções de artigos científicos, obras literárias e artísticas, publicados ou não, para análise da trajetória artística da autobiografia do autor. Por fim, a pesquisa foi feita a



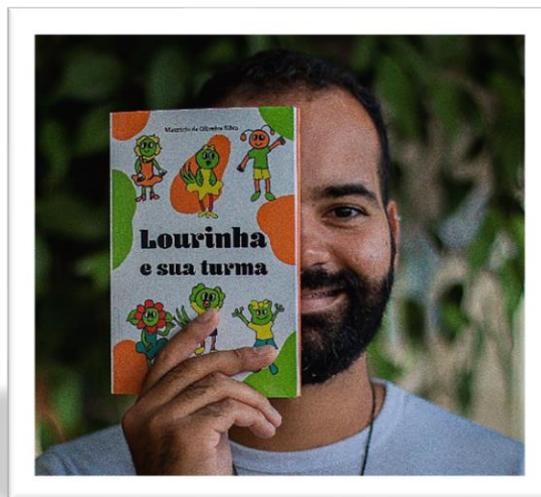
partir dos dados já escritos, sendo uma pesquisa a partir do fato passado (*ex-post-facto*).

2.1 Análise dos dados

Os dados serão apresentados e analisados a partir de discussões qualitativas das narrativas, portfólio, trajetória e publicações do autor. A análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa, seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

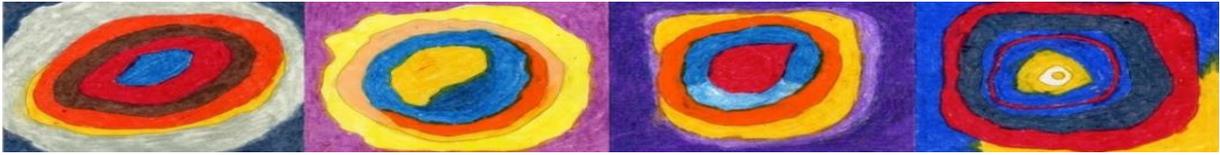
3 PRAZER, MAURICIO!

Imagem 1. Mauricio de Oliveira Silva com seu livro *Lourinha e sua turma*.



Fonte: Isaac Oliveira, 2022.

Nesse capítulo irei me apresentar para os leitores. Meu nome é Mauricio de Oliveira Silva (Imagem 1), nascido em 10 de dezembro de 1990, em Itajuípe, Bahia, Brasil. Sou pardo, cabelo preto crespo, altura de



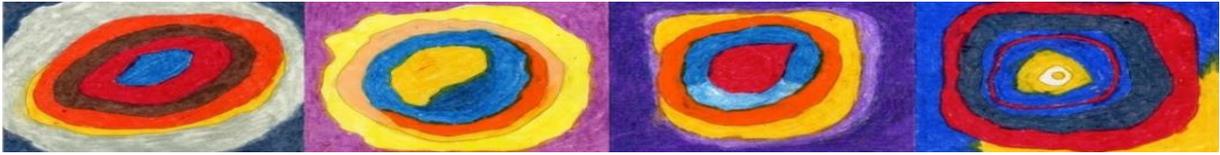
um metro e oitenta, olhos castanhos escuros, tenho barba, uma tatuagem de coruja cangaceira com chapéu nordestino sobre um filtro dos sonhos e a palavra "oxe", sou baiano, nordestino, tenho uma outra tatuagem de um cacto coroa-de-frade-do-piripiri (*Melocactus conoideus*) com duas aves voando perto, que me representam resistência, resiliência, força, coragem, sabedoria e liberdade.

Sou um sagitariano que ama a liberdade, tenho uma grande admiração por meu pai e minha mãe, irmão de cinco irmãos, sou o mais novo, o caçula. Quando criança, cresci em ambiente rural no município de Itapebi, Bahia, sou "da roça", roçaliano, mestiço, tenho fé no amor, consagrado a Nossa Senhora Aparecida, filho de Xangô e Oxum, sem religião, mas com muita fé e esperança. Amo viajar, dormir, conhecer novos sabores, lugares, pessoas, plantas, animais, frutas, artistas, músicas, poemas, escritas, filmes, séries, animações, religiões, folclores, culturas, aromas, cores, diversidades, pinturas...

Como um bom estudioso, queria ser escritor e cientista, e assim sou. Biólogo, professor, escritor, fotógrafo, poeta, técnico em segurança do trabalho, técnico em administração, eterno estudante, mestre em ciências ambientais, doutorando em agroecologia e desenvolvimento territorial, especialista em educação e direitos humanos, em serviço social e saúde coletiva, ecoturismo, ensino de ciências, coaching educacional, artista... bem, prefiro ser uma centelha divina, ser fluído, diverso, feliz... os títulos são passageiros.

3.1 Como a natureza me fez artista?

Desde muito cedo eu tinha uma percepção de natureza muito aguçada. Eu tinha fascínio em observar os animais, plantas, elementos



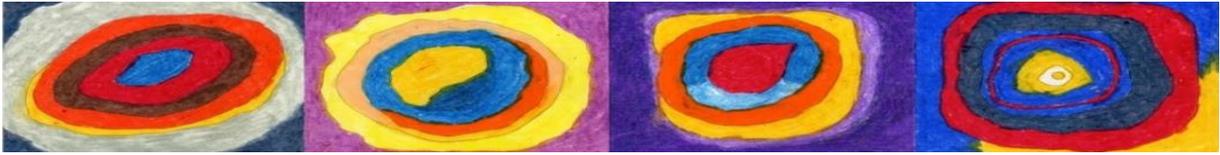
naturais como a chuva, a água escorrendo sobre as pedras, os raios, as relações entre os seres vivos e não vivos. Em um dos meus textos, faço a narrativa da criação de formigas que tinha quando era criança.

Esse menino passava o dia atrás de alimentos para suas amigas de seis pernas e antenas, às vezes, levava restos de cuscuz, de alimentos do meio dia e do café da manhã para elas, porém, a aventura mesmo era caçar insetos para alimentá-las e vê-las carregando para dentro do formigueiro. Ele caçava borboletas, besouros, gafanhotos e tudo que é inseto que você pensar e levava para suas amigas formigas que vinham em grupo, carregavam o banquete para dentro, e os olhinhos do menino brilhavam, vendo suas amigas felizes, era uma amizade fenomenal, ou melhor, uma amizade formigal (SILVA, 2021).

Essa pré-disposição, configura uma característica ao qual Gardner refere-se, a sua lista das inteligências, a inteligência Naturalista, que se acena à habilidade de reconhecer objetos na natureza, de distinguir plantas, animais, rochas (GARDNER, 1997; ARMSTRONG, 2001). O surgimento da inteligência naturalista data dos primeiros humanos, onde sua sobrevivência dependia de reconhecer espécies nocivas ou úteis.

É bom ressaltar que para desenvolver essa inteligência não é necessário interagir com a natureza (CAMPBELL; CAMPBELL; DICKINSON, 2000), porém, as pessoas que tem contato com a natureza poderão desenvolvê-la melhor. É fácil de perceber essa inteligência em naturalistas, biólogos, ativistas animais, botânicos, fazendeiros e paisagistas (ARAÚJO, 2006).

Em minha história, há três relatos que chamam muita atenção, uma delas é que quando eu era apenas um bebê fui encontrado batendo com uma colher em uma cobra jararaca, que eu batia a colher e ela se movia, enquanto eu gargalhava e a empurrava para trás, até que minha mãe apavorada me tirou de perto da serpente peçonhenta; outra que ao aprender a caminhar passei por debaixo da cerca e entrei no meio do gado,

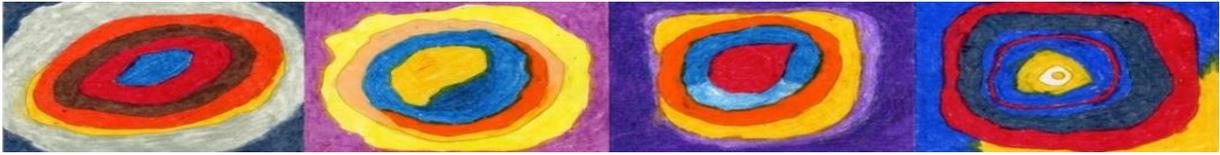


cheio de vaca parida, que eu passava as mãos nas pernas das vacas e que elas, mesmo bravas com seus bezerros, apenas cheiravam e não agiam de forma violenta. A terceira, que já tenho lembranças, foi quando durante uma tempestade voltei a sede da fazenda onde morávamos para buscar meu chinelo e um raio caiu muito próximo de onde eu estava, porém, nada me aconteceu, ao voltar para casa, minha mãe estava desesperada, achando que eu havia sido atingido, hoje, conto que foi Xangô que me protegeu, já que ele é o Orixá dos raios.

No texto, *O menino e o formigueiro* (SILVA, 2021), há também os relatos de brincadeiras, em uma usávamos o fogo para queimar algo plástico e ir pingando sobre algumas plantas, era a brincadeira “pingo-pingo”, a descoberta da combustão, tinha a brincadeira da habilidade de subir em árvores e de fazer cocô lá de cima, era a corporalidade² expressa em ambiente rural e livre; além da descoberta dos sabores de frutas diversas do pomar e da brincadeira “togobunda”, que era escorregar sobre um papel ou garrafa pet na ribanceira, era a experimentação, o sentir da textura, do sabor, do aroma, a coexistência com a natureza e seus seres bióticos e abióticos.

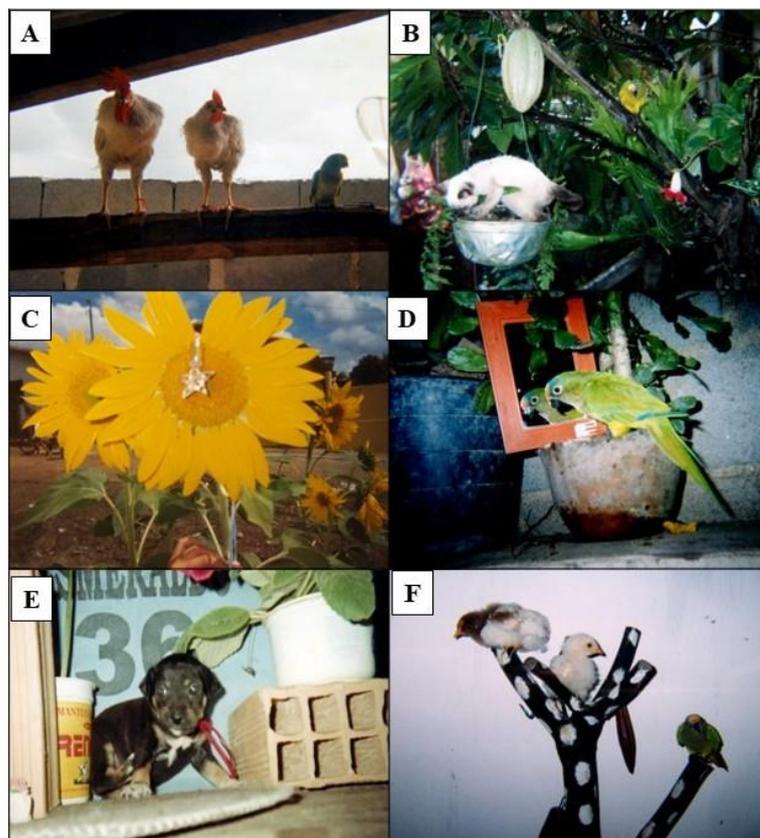
Por essas pequenas narrações, entende-se que a natureza não diz respeito apenas aos animais, às plantas, aos rios, às montanhas, etc., mas também ao modo como enxergamos essas coisas, integradas a um conceito que nós criamos: esta totalidade que chamamos de natureza (CARVALHO, 2003). Que desde cedo, entendi que a relação que tenho com a natureza me faz ser parte integrante dela, que eu estou nela e que ela está em mim.

² Silva; Silva e Tucunduva (2011, p. 48-49) explicam a corporalidade, como fenômeno social em sua totalidade, pode ser compreendida por essa relação entre o organismo, a perspectiva subjetiva, a cultura e o ambiente natural onde se constitui, marcando a construção das práticas corporais e de suas técnicas corporais de forma indelével. In: SILVA, A. M.; SILVA, A. P. S.; TUCUNDUVA, T. **Corpo, cultura e natureza em terras quilombolas**. In: SILVA, A. M.; FALCÃO, J. L. C. (Org.). Práticas corporais em comunidades Quilombolas de Goiás. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011, p. 47-75



Após essa relação íntima com os componentes naturais, comecei a perceber a beleza, as formas, as texturas, as emoções que a natureza nos passa; e inspirado em desenhos que assistia na televisão³ e no gibis que lia, comecei a criar desenhos, historinhas e fotografias dos meus animais de estimação (Imagem 2), da fauna e da flora, disso, começou a surgir a *Lourinha e Sua Turma* (Imagem 3), livro que publiquei em 2019, mas que comecei a escrever oficialmente aos oito anos de idade, porém, suas histórias sempre estiveram presentes em minha mente e no meu coração.

Imagem 2. A e F) Da esquerda para direita: Diocésio, Abelardo (*Gallus gallus domesticus*), deram origem ao personagem Galinho, e Maria (*Eupsittula aurea*) deu origem a personagem de mesmo nome; B) Marisa (*Felis catus*), nome real da personagem Gatinha; C) Girassol (*Helianthus annuus*) inspiração para personagem Rosinha; E) Jimmy (*Canis familiaris*) um dos meus animais de estimação.



Fonte: Arquivo pessoal, 2000-2004.

³ Os personagens tiveram como inspiração a natureza e também obras como a Turma da Mônica, Digimon, Mafalda, Garfield, Pokémon e os personagens clássicos do Walt Disney da turma do Mickey Mouse.

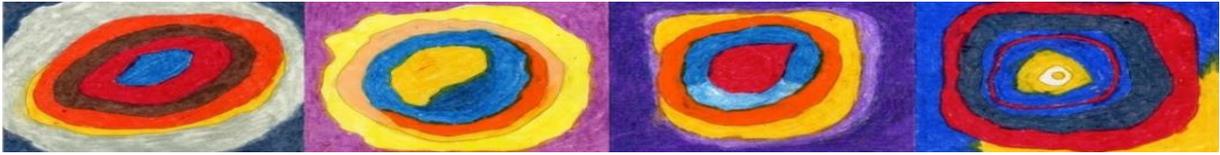
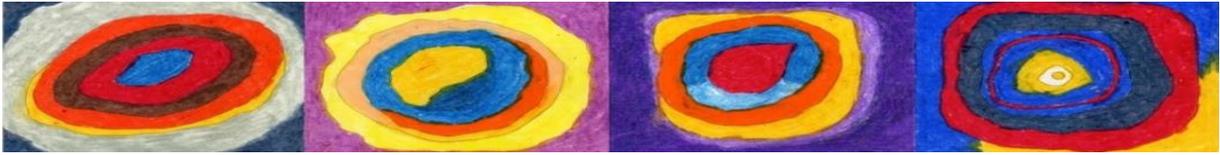


Imagem 3. Lourinha e sua turma, Mauricio de Oliveira Silva, 1997-2004. A) Lourinha é inspirada em periquitos que criei como animais de inspiração, das espécies periquito-rei (*Eupsittula aurea*) e periquito-da-caatinga (*Eupsittula cactorum*); B) Lourinha (periquita-da-caatinga, Ana (canário-da-terra: *Sicalis flaveola*) e Arainha (aranha-armadeira: *Phoneutria bahiensis*) em um painel com a chegada do inverno; C) Lourinha e seus amigos em um bosque na historinha “Meleca Crônica ataca no jardim”; D) Lourinha e Chico (macaco-prego-do-peito-amarelo: *Sapajus xanthosternos*) lutam contra plantas carnívoras do mal.



Fonte: Arquivo pessoal, 1997-2004; Silva, 2021a.

Há de se lembrar que “todos os personagens foram baseados em animais e vegetais da flora e fauna brasileira e mundial, mesclando características humanas, folclóricas, sociais e sentimentais expressando o cotidiano de crianças e adolescentes, com historietas divertidas e críticas.” (SILVA, 2019, p. 04). A observação da natureza também despertou para a curiosidade de identificar as espécies pelo nome científico, em Silva (2021) ao começar a apresentar seus personagens sempre vem a sua ilustração e suas características: nome, espécie que serviu de inspiração, vestimentas



e suas cores e seus poderes, como quando é apresentada a personagem Fofa (Imagem 4) (Silva, 2021a, p. 23),

Fofa

A personagem é baseada nas flores da onze-horas (*Portulaca grandiflora*: Portulacaceae), é caracterizada por usar uma camiseta amarela e uma bermuda laranja, tem a pele verde e as pétalas ao redor de sua cabeça são da cor rosa, representando uma das variedades da espécie, seu temperamento é ser chorona e muito simpática, tendo um controle interpessoal e intrapessoal bem desenvolvido. Tem 12 anos de idade. Tem poderes de plantas, esticando seus ramos (pernas e braços), produzindo aromas que podem fazer dormir e relaxar ou hipnotizar.

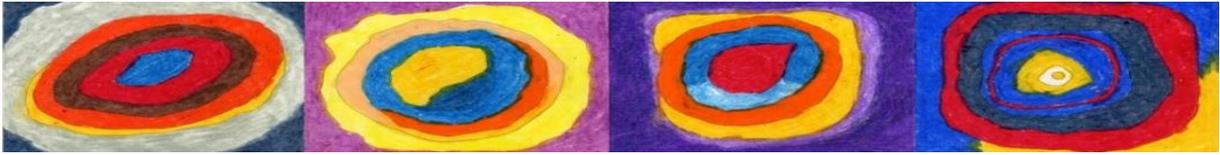
Imagem 4. Personagem Fofa da Lourinha e sua turma.



Fonte: Silva, 2021a.

De acordo com Ledur (2005, p. 75), “O autor da obra é portador da visão artística e do ato criador e ocupa uma posição significativa e responsável”. Biesdorf e Wandscheer (2011, p. 03) complementam que “esta posição significativa e responsável demonstra o compromisso que o artista possui frente a sua cultura, um compromisso de fazer arte com significados presentes no meio em que está inserido”.

A natureza e o campo sempre foram minhas fontes principais de criação, meus animais de estimação, a fauna e a flora serviram de inspiração para criar meus personagens, a floresta, o bosque, as cachoeiras e as festividades (Imagem 3) foram os espaços e o tempo onde as

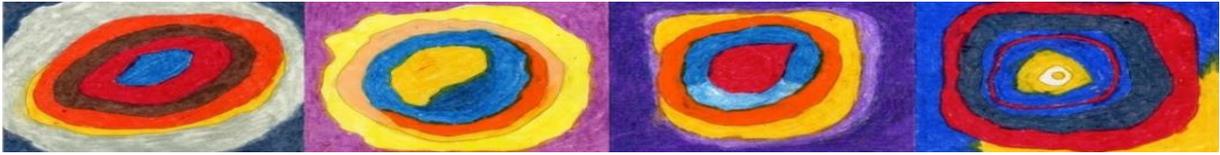


historinhas aconteciam. A arte de criação levou em consideração os seres vivos, mas atribuí características que os destacavam em sua luta pelo bem, por equidade e para um mundo sustentável para todos.

A partir de uma análise, Silva (2019, p. 21), no artigo *Lourinha e sua turma: os quadrinhos como metodologia de ensino em temáticas socioambientais*, foi socializado minha visão ao participar de uma atividade criativa e lúdica, que integrava ciências, artes e literatura, com produção de Histórias em Quadrinhos no Ensino Fundamental II e como essa atividade me estimulou no interesse com as ciências e em minha forma de ensino e avaliação interdisciplinar como profissional educador. Já havia percebido que a arte baseada em natureza e no campo me fez um professor melhor ao dizer

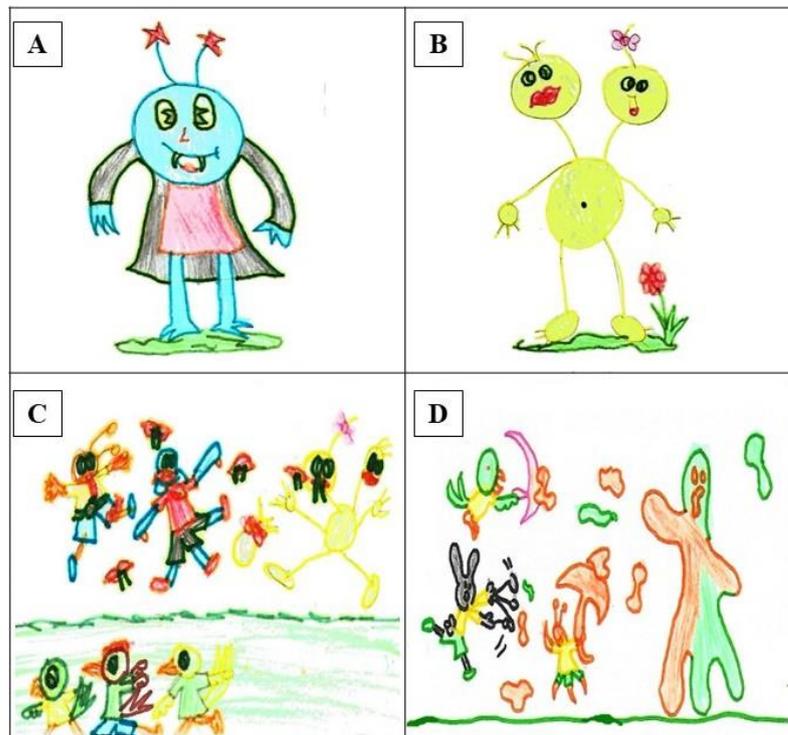
"considero que a experiência foi muito importante na minha formação durante o ensino fundamental, que esta atividade foi uma das mais marcantes na escolha da minha profissão, pois me despertou a vontade de criar e compartilhar conhecimentos com as pessoas, não necessariamente na escolha da licenciatura, mas em alguma área que envolvesse imaginação, criação, pesquisa, reflexão e crítica... podendo ser um escritor, um professor, um pesquisador, um cartunista ou desenhista". (Silva, 2019, p. 21).

O espaço do campo tem uma outra característica fascinante que é o seu folclore, os mitos, lendas e histórias de livusias (assombrações). Uma das histórias que sempre nos causou medo era a das crinas das éguas que apareciam trançadas pela manhã e depois de um tempo passaram a amanhecer, também, com as caudas sem pelos, achávamos que era a Vovó da Mata ou o Saci. Existia uma atmosfera bem assustadora e tínhamos muito medo. Surgiam assim as inspirações para criação de monstros, livusias e dos personagens sombrios das minhas historinhas (Imagem 5). Só no futuro, percebemos que eram morcegos hematófagos que ao se alimentarem enroscavam-se nas crinas das éguas trançando-as (LAURINDO; NOVAES, 2015) e que as vacas haviam aprendido a comer as



caudas dos cavalos e éguas e por isso, amanheciam “suruca” (sem pelos na cauda).

Imagem 5. A) Personagem ARRG (arrepiaante, raivoso, rude e ganancioso) baseado em um vampiro e nas lendas do Velho do Saco; B) Biduca é um monstro de duas cabeças que vive no imaginário infantil, é uma mistura de Curupira com a Cuca; C) Biduca ataca os personagens da Lourinha e Sua Turma; D) Suja Sujeira, um monstro de poluição, ataca nossos amigos. Baseado nas travessuras do Saci-Pererê e do Domingos

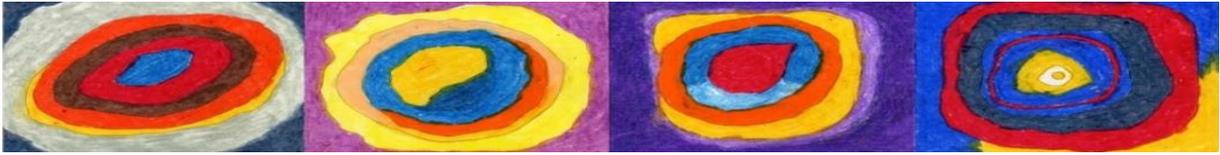


Pinto Colchão.

Fonte: Silva, 2021a.

A gente acreditava que as Mulas-sem-cabeça não passavam pelos mata-burro⁴, pois, os animais de criação como cavalos, éguas e burros não passavam, e quando estávamos fora da fazenda onde morávamos sempre

⁴ Mata-burros são dispositivos que impedem a fuga do gado em propriedades rurais, mesmo quando a porteira está aberta. Mata-burros são estrados que funcionam como pontes, normalmente de madeira, concreto ou aço. Estes estrados são instalados em cima de valas, que permite que este mecanismo desencoraje os animais a atravessar a porteira e fugir da propriedade.



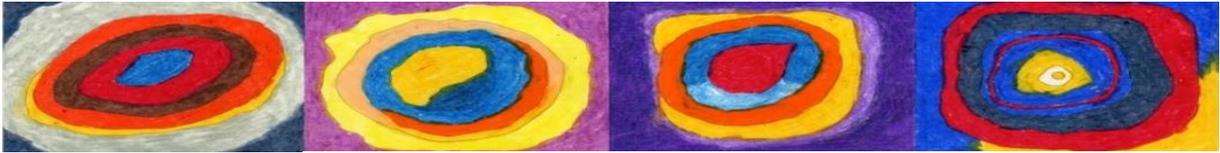
tentávamos voltar e atravessar os mata-burros antes das 18 horas, momento em que a penumbra se inicia e que acreditávamos que as Mulas-sem-cabeça começavam a assustar as pessoas.

Todas essas narrativas fazem parte de minha trajetória, de uma parte de mim, a natureza e o campo foram grandes inspirações para minha produção artística, literária e científica, fazem parte da minha identidade. Castells diz

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que organizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão tempo/espço. (Castells, 1999, p. 23).

Foi no campo e com meu grande contato com a natureza que comecei a perceber as formas, os sons, os movimentos e as transformações, ao observar uma plantinha que cresce na horta, aprendi sobre a necessidade de água, de luz, de adubo, vi sua transformação, seu crescimento, ajudei a combater as intempéries da natureza e a observei virar poema no desabrochar de suas flores que antes foram botões e que depois foram frutos e por fim, sementes, vi borboleta por ovos, esses ovos eclodirem em lagartas, comerem, crescerem, envolver-se em casulos e após meses se tornar uma nova borboleta, vi poesia nas asas das borboletas voando ao sol, vi alegria nos movimentos dos gatos e percebi que todo ser vivo brinca e que é brincando que se aprende.

Na historinha “*Mesmo amarelo também sou gato?*” fiz uma leitura a partir das formas animais e suas diferenças para abordar a questão do *bullying* e do preconceito. Além de utilizar observações da natureza para criar analogias com a luta pela tolerância e respeito ao multiculturalismo. Como em Silva (2021a, p. 126-127),



Em uma pedra um pouco longe, eles avistam uma borboleta sentada com expressão de felicidade tomando sol.

— Vamos até lá – falam todos ao mesmo tempo, e com risadinhas de canto de boca, seguem em frente.

Ao aproximarem-se da borboleta, ela logo diz:

— Olá, olha como estou linda, já não via a hora de acordar e sair do casulo. Agora sim, tenho asas lindas e olha esse sol, que maravilha.

Jocoró:

— São lindas mesmo, mas por que você ficou em um casulo? Poderia ter saído quando quisesse, não?

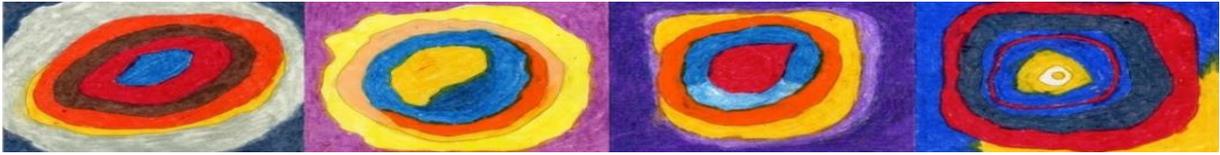
A borboleta responde singelamente:

— Não, para me tornar o que sou hoje eu teria que fazer este sacrifício. Um dia acordei e senti uma grande vontade de mudança dentro de mim, então comecei a tecer um grande casulo e como que por um instinto antigo fui me cobrindo toda e entrei em um sono que demorou três semanas, mas que me pareceram uma eternidade, acho que fiquei ansiosa, só depois percebi que, para sermos realmente nós mesmos, exige-se muita paciência e força de vontade. Assim, vi que se eu tentasse sair antes da hora, não seria a mesma coisa, pois a transformação ainda não estaria inteira.

Nesse texto, a intenção é lembrar de respeitar nosso tempo, as nossas diferenças e que, muitas vezes, precisamos dar tempo para nos entender, e por meio do autoconhecimento tentar entender as mudanças em nossas vidas, sendo muitas delas fora de nosso controle. Ainda nesse mesmo texto, somos lembrados do respeito as diferenças em “o importante não é a cor que se tem e sim a sua essência. Pouco importa se você é um gato preto, amarelo, rajado ou cinza, somos todos iguais e merecemos o amor em nossas vidas.” (SILVA, 2021a, p. 137).

Biesdorf e Wandscheer (2011) afirmam que o ser humano se utiliza da arte para dialogar com o meio em que vive, a arte somente tem sentido quando sua representação for uma representação social. Nesse aspecto, Coli (1989, p. 90) complementa “no passado, e ainda hoje, os objetos artísticos possuíram funções sociais e econômicas que permitiram sua constituição e seu desenvolvimento.”

Com base em Biesdorf e Wandscheer (2011) e Coli (1989), algumas de minhas produções foram voltadas para a crítica e a busca no debate das questões socioambientais para um uma sociedade melhor. Nesse sentido,



quando as vacinas da doença Covid-19 eram negadas por pessoas mal intencionadas, fiz uma tirinha que foi publicada na Revista LiteraLivre, de título "Quadrinho(arte) Lourinha: Jacaré ou Periquito?" (SILVA, 2021b, p. 243), que teve a intenção de criticar a falta de empatia e os discursos mentirosos, quando o presidente da época disse que as vacinas poderiam transformar as pessoas em jacaré⁵, de um modo anticiência e irresponsável.

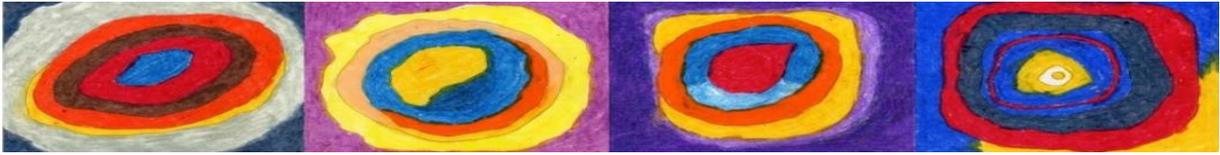
No quadrinho (Imagem 6), há um diálogo com a quebra de quarta parede, onde o autor conversa com a personagem com cabeça de jacaré, assustado ele chama: - Lourinha! - Lourinha! No segundo quadrinho, a personagem com uma máscara de jacaré em mãos (asas), responde: - O que foi? Achou que não iria ter deboche? Achou errado, queridinho. A tirinha faz uma ironia crítica com as falas antivacinas e o quão irreal é uma pessoa ser transformada em jacaré por ter tomado uma vacina.

Imagem 6. Quadrinho (arte): Lourinha: Jacaré ou periquito?



Fonte: Silva, 2021b.

⁵ Brasil de fato. **Você não vai se transformar em jacaré:** 10 mentiras sobre vacinas que circulam por aí. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/12/19/voce-nao-vai-se-transformar-em-jacare-10-mentiras-sobre-vacinas-que-circulam-por-ai> Acesso em: 26 jun. 2023.

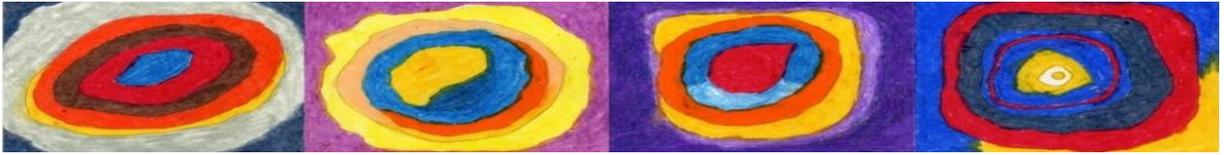


Pelo exposto, a expressão da arte auxilia em construção de saberes interdisciplinares. Silva, Cherubini e Moura (2020), perceberam que a criação de histórias em quadrinhos por estudantes, uma expressão artística, pode ser utilizada para debater temas socioambientais de uma forma didática, dinâmica e divertida, além disso, consideraram uma ferramenta educacional completa, que une arte, linguagens, crítica e reflexão, mesmo quando aborda assuntos complexos, como os da área ambiental.

Nessa mesma percepção, Zagonel (2012) diz, por meio do ensino de Arte, os alunos podem ter estimuladas todas as suas capacidades inteligentes, abrangendo uma ampla variedade de domínios, o que nos leva a pensar em uma educação que não privilegie apenas o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, mas o indivíduo no seu todo.

Em uma proposta didática, Silva (2023), propôs uma sequência didática com utilização do livro *Lourinha e Sua Turma* no ensino de taxonomia e questões socioambientais, por meio de uma proposta lúdica e interdisciplinar com a criação de contos ilustrados e histórias em quadrinhos, tendo o objetivo de incentivar a produção textual, inspiração e poder criativo dos estudantes estimulando uma visão mais holística do meio ambiente onde estamos inseridos, integrando suas questões políticas, sociais, ambientais, culturais e econômicas.

Por todo o exposto, encerro minha narrativa, percebo que minha vida em conexão com a natureza e a vida no campo me fez, me faz e me fará quem sou, que os componentes naturais me deram inspiração, me fizeram ser holístico, plural, diverso. A relação com a natureza me fez artista, me fez perceber sua grandeza, sua beleza e que todas, todos e todes são componentes da natureza e que nossas relações nos marcam, nos penetram, nos fazem, nos refazem, são nossa identidade, nosso sentido de pertencimento, nossa forma de se expressar no mundo.



3 CONCLUSÃO

A vivência com a natureza e o campo promove uma ligação única com os componentes bióticos e abióticos, e, se caso a pessoa tenha uma visão mais contemplativa, observadora e interativa perceberá no meio ambiente a sua beleza, que fará parte de uma sensação de pertencimento que está ligada a origem da sua identidade.

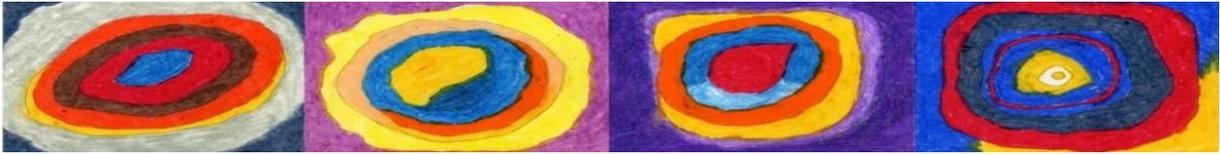
O contato com os animais, com as plantas, com as lendas do ambiente rural permaneceu no meu imaginário (do autor) que os utilizei como ponto de partida para meus personagens, minhas histórias e minha trajetória acadêmica. Por meio da inteligência naturalista foi possível fazer pontos de ligação entre arte, cultura e ciência, sendo, dessa forma, a natureza e o campo influências positivas para minha formação artística.

Desse modo, a pesquisa narrativa autobiográfica é um instrumento decolonial e um modo de fazer ciência com base no indivíduo, com suas aspirações, aprendizados e vivências, sendo, assim, uma ferramenta de propagação do conhecimento, de compartilhamentos de saberes e de contar a história a partir de uma identidade que é de um, mas que reflete, também, o que um grupo pensa e cria sobre a influência de um determinado ambiente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, V. M. P. **Inteligências múltiplas um estímulo em ala de aula.** Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Brasília, 2006. 37 p.

ARMSTRONG, T. **Inteligências Múltiplas na sala de aula.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.



BIESDORF, R. K.; WANDSCHEER, M. F. Arte, uma necessidade humana: função social e educativa. **Itinerarius Reflectionis**, v.2, n.11, 2011.

BUENO, B. O. Método autobiográfico e os estudos sobre histórias de vidas de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, 2002.

CAMPBELL, L.; CAMPBELL, B.; DICKINSON, D. **Ensino aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas**: Inteligências Múltiplas em sala de aula. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CARVALHO, M. **O que é natureza**. Editora Brasiliense: Coleção Primeiros Passos. 2. ed. São Paulo, 2003.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COLI, J. **O que é arte**. 10. ed., São Paulo: Brasiliense. 1989.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FONTE, C. A. A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. **Psicologia teoria e prática**. 8 (2), p.123- 131, 2006.

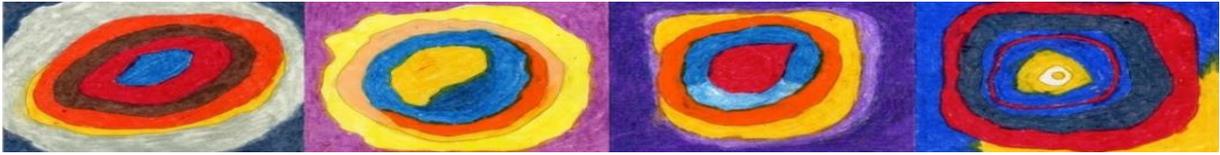
GARDNER, H. **A criança pré-escolar**: como pensa e como a escola pode ensiná-la. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LAURINDO, R. S.; NOVAES, R. L. M. **Desmistificando os morcegos**. Monte Belo: ISMECN, 2015.

LEDUR, R. R. **Professores de Arte e Arte Contemporânea**: contextos de produção de sentido. 2005. 166 p. Dissertação (mestrado em educação) Porto Alegre: UFRGS, 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARQUES, V.; SATRIANO, C. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v.23, n.51, p. 369-386, 2017.



PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1997.

PHOENIX, A. **Analyzing Narrative Contexts**. In: M. ANDREWS; C. SQUIRE; M. TAMBOUKOU. Doing Narrative Research. 2ªed. Sage: Los Angeles. pp. 64-77, 2013.

ROUSSEAU, J. **Emílio, ou da educação**. São Paulo: Autores Associados, 2000.

SHUMAN, A. **Exploring narrative interaction in multiple contexts**. In: J. A. Holstein and J. F. Gubrium (ed.) Varieties of narrative analysis. Sage: Los Angeles. p.125-145, 2012.

SILVA, J. B.; SANTOS, S. G. A. Pesquisa (auto)biográfica e narrativas formativas: itinerários descolonizadores. **Revista Debates Insubmissos**, a.5, v. 5, n.18, 2022.

SILVA, M. O. **Lourinha e sua turma**. Maringá: Viseu, 2021a.

SILVA, M. O. **O menino e o formigueiro**. In: BRISSI, L. A. S. (Org.). Florilégio do Brasil, v.9, Birigui: Editora Pindorama, 2021.

SILVA, M. O. Quadrinho (arte): Lourinha: jacaré ou periquito? **LiteraLivre**, v.5, n.28, 2021b.

SILVA, M. O. **Taxonomia e questões socioambientais com utilização do livro Lourinha e sua turma**: uma sequência didática. Colatina: Pé de Jambo, 2023.

SILVA, M. O.; CHERUBINI, K. G.; MOURA, M. A. Eco Kids e Eco Teens, quadrinhos e educação ambiental: análise do ecogibi edição especial Parque Municipal Serra do Periperi – Bahia. **Revista Maiêutica**, Indaial, v. 2, n. 01, p. 23-38, 2020.

ZAGONEL, B. **Arte na Educação Escolar**. Curitiba: InterSaberes, 2012.